



ECONOMIA SOLIDÁRIA E A COLETA DE RESÍDUOS RECICLÁVEIS

SOLIDARITY ECONOMY AND WASTE COLLECTION RECYCLABLE

ECONOMÍA SOLIDARIA Y RECOGIDA DE RESIDUOS RECICLABLES

Gisele Quinallia

Biomédica, UNOESTE, Brasil
giselequinallia@hotmail.com

Juliene Maldonado OroSCO de Andrade

Administradora, UNOESTE, Brasil.
julienorosco@hotmail.com

Edilene Mayumi Murashita Takenaka

Professora Doutora, UNOESTE, Brasil
edilene@hotmail.com

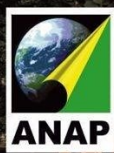
RESUMO

A economia solidária tem ganhado crescente visibilidade econômica, social e política nos últimos tempos. Atualmente constata-se o crescimento de iniciativas de produção e prestação de serviços sociais e pessoais, organizados com base na livre associação e nos princípios de cooperação e autogestão. Um dos desafios é o baixo nível de qualificação profissional dos trabalhadores solidários e a inadequação das tecnologias tradicionais para a produção em pequena escala. O objetivo deste trabalho foi entender a economia solidária e sua relação com a coleta de resíduos recicláveis. Através de estudo prospectivo, de revisão literária, que utilizou para obtenção de informações pesquisa na rede pública de internet, leitura, análise e interpretação de livros, periódicos e documentos sobre o tema. O principal resultado dessa pesquisa foi a constatação de que a economia solidária atrelada a coleta de resíduos sólidos contribuem significativamente na criação de postos de trabalho, melhora na qualidade de vida e na preservação do meio ambiente. Dessa forma, espera-se que este estudo possa contribuir no despertar de reflexões sobre temas pertinentes à economia solidária, cooperativismo e reciclagem de resíduos sólidos urbanos, que foram levantados até aqui, assim como os que foram esquecidos ou omitidos também.

PALAVRAS-CHAVE: economia, solidária, coleta, resíduos, recicláveis.

SUMMARY

The solidarity economy has gained increasing visibility economic, social and political in recent times. Currently notes the growth of production initiatives and provision of social and personal services, organized on the basis of free association and the principles of cooperation and self-management. One of the challenges is the low level of professional qualification of workers solidarity and the inadequacy of traditional technologies for small-scale production. The objective of this study was to understand the social economy and its relation to the collection of recyclable waste. A prospective study of literature review, which used to obtain information search in the public internet, reading, analysis and interpretation of books, periodicals and documents on the subject. The main result of this study was the finding that the solidarity economy, linked to solid waste collection significantly contribute to the



creation of jobs, improvement in quality of life and preservation of the environment. Thus, it is expected that this study may help in the wake of reflections on issues relevant to the social economy, cooperatives and recycling of municipal solid waste that have been raised so far, as well as those who have been forgotten or omitted as well.

Keywords: economy, solidarity, collection, waste, recyclable

RESUMEN

La economía solidaria ha adquirido cada vez mayor visibilidad económica, social y política en los últimos tiempos. Actualmente observa el crecimiento de iniciativas de producción y prestación de servicios sociales y personales, organizadas sobre la base de la libre asociación y los principios de la cooperación y la autogestión. Uno de los retos es el bajo nivel de cualificación profesional de los trabajadores de la solidaridad y la insuficiencia de las tecnologías tradicionales para la producción a pequeña escala. El objetivo de este estudio fue comprender la economía social y su relación con la recogida de residuos reciclables. Un estudio prospectivo de revisión de la literatura, que utiliza para obtener búsqueda de información en la Internet pública, la lectura, el análisis y la interpretación de los libros, revistas y documentos sobre el tema. El principal resultado de este estudio fue el hallazgo de que la economía solidaria, relacionada con la recogida de residuos sólidos contribuye de manera significativa a la creación de puestos de trabajo, la mejora en la calidad de vida y la preservación del medio ambiente. Por lo tanto, se espera que este estudio puede ayudar a raíz de las reflexiones sobre temas relevantes para la economía social, cooperativas y reciclaje de residuos sólidos urbanos que se han planteado hasta ahora, así como aquellos que han sido olvidados o se omite también.

Palabras clave: *economía, de solidaridad, de recogida, residuos, reciclables.*

1 INTRODUÇÃO

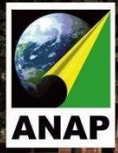
De acordo com o Ministério do Trabalho e Emprego, economia solidária é um jeito diferente de produzir, vender, comprar e trocar o que é preciso para viver. Sem explorar os outros, sem querer levar vantagem e sem querer destruir o ambiente. Trabalhando em conjunto em prol ao benefício de todos. Compreende uma diversidade de práticas econômicas e sociais, dispostas, e configuradas como cooperativas, associações, clube de troca, empresas auto gerenciárias, rede de cooperação, entre outros, que realizam atividade de produção de bens, prestação de serviços, finanças solidárias, trocas, comércio justo e consumo solidário¹.

Segundo Pitaguarí (2010), no Brasil os movimentos sociais e as políticas públicas começaram a crescer nas últimas décadas, visando desenvolver um modo alternativo das pessoas trabalharem para garantir sua subsistência e melhorar sua condição de vida. Destacando-se a economia solidária, que tem por princípio a unidade entre trabalho cooperativo e a propriedade dos meios de produção. Visando priorizar a solidariedade, a competição, a preservação dos postos de trabalho, como primazia a lucratividade e a distribuição dos frutos do trabalho entre os produtores diretos².

Ainda de acordo com Pitaguarí (2010), os trabalhadores que aderem à economia e se unem em redes e/ou cooperativas de produção e comercialização, tornam-se proprietários ou sócios dos negócios, ao invés de buscar emprego assalariado em uma empresa capitalista. A colaboração

¹ MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO – M.T.E. ECONOMIA SOLIDÁRIA. **A economia solidária. O que é a economia solidária?** Disponível em: <<http://portal.mte.gov.br/ecosolidaria>> Acesso em: 25 mai/2016.

² PITAGUARÍ, S. O., CÂMARA, M. R. G. **As Motivações e Desafios para a Consolidação da Economia Solidária.** In: Economia Solidária em Londrina: aspectos conceituais e a experiência institucional. Londrina: UEL, 2010.



entre os operários admite ultrapassar as dificuldades presentes no trabalho autônomo individual, e dá a possibilidade dessas atividades sobreviverem frente a competição com as empresas que se utilizam da exploração do trabalho assalariado.

No Brasil, a situação não é favorável. O aspecto mais visível da problemática colocada é a permanência de altos índices de desemprego ou subemprego da força de trabalho, que não é absorvida pelo mercado de trabalho convencional, mesmo nas fases de prosperidade. Esse quadro vem reforçar a necessidade de criar mecanismos inovadores de geração de subsídios, que superem as estratégias de empreendimentos habituais, comprovando incapacidade no serviço de admissão de uma consistente parcela da sociedade. Já existe em algumas cidades do país, entidades ligadas ao poder público e também à sociedade civil, que vem desenvolvendo um árduo trabalho, visando a geração de emprego e renda para a população, excluindo assim o processo de crescimento econômico dentro do perfil chamado economia solidária³.

Outra grande preocupação atual é com a questão ambiental. A tendência do aquecimento global, o perigo da escassez de água, o retorno de doenças como a dengue, e as novas influências, despontaram diversas fronteiras para a exploração capitalista. Cresce assim a noção de que é insustentável que o mundo todo venha a ter o mesmo padrão de consumo dos Estados Unidos (EUA) e dos outros países ricos. Percebeu-se a importância de reciclagem, do consumo de novos produtos orgânicos, da diminuição do uso de produtos químicos (MILANEZ, 2003). Ao mesmo tempo, quem ainda não entrou no padrão de alto consumo, mas existe a possibilidade de aderir.

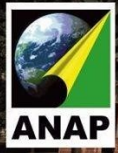
1.1 Economia Solidária

De acordo com Santos e Borinelli (2010), a economia solidária surge como todo modo de produção e distribuição alternativo ao capitalismo, criado e recriado periodicamente pelos que se encontram (ou temem) ficar marginalizados no mercado de trabalho⁴.

Alguns estudos apontam que as raízes da economia solidária começaram com Robert Owen, que foi o administrador de uma grande tecelagem e que é considerado o pai do socialismo e um dos criadores do cooperativismo. No século XVIII ele reduziu as jornadas de trabalho e tirou as crianças das fábricas, criou toda uma organização para defender o socialismo e foi o primeiro grande líder da CUT da Grã-Bretanha, a primeira grande central sindical do mundo. Os trabalhadores partidários de Owen inventaram a autogestão e o princípio fundamental era a democracia. Isso vale para as cooperativas até hoje, segundo dados da

³ CONAMA - Conselho Nacional do Meio Ambiente. Resolução nº 275/2001. Estabelece código de cores para diferentes tipos de resíduos na coleta seletiva. Brasília, 2011. Disponível em: <<http://www.mma.gov.br/port/conama/res/res01/res27501.html>> Acesso em 01 jun/2016.

⁴ SANTOS, L. M. L., BORINELLI, B. Economia Solidária: propostas e perspectivas. In: Economia Solidária em Londrina: aspectos conceituais e a experiência institucional. Londrina: UEL, 2010.



Aliança Cooperativa Internacional, um bilhão de pessoas no mundo participam de cooperativas⁵.

De acordo com Paul Singer (2003, p. 38):

[...] o movimento surgiu no Brasil inicialmente para combater a miséria e o desemprego gerados pela crise do petróleo na década de 1970, e se transformou em um modelo de desenvolvimento, que promove não só a inclusão social, como pode se tornar uma alternativa ao individualismo competitivo das sociedades capitalistas.

A economia solidária é um retorno às linhagens do socialismo, está sendo praticada em pelo menos 200 países, o Brasil é um exemplo de que a economia solidária é a aplicação do cooperativismo⁶.

Para Moraes (2013), no Brasil as políticas públicas de economia social e solidária ganharam espaço com a criação da Secretária Nacional de Economia Solidária (SENAES), em 2003, setor vinculado ao Ministério do Trabalho e Emprego no Governo Federal. No entanto, as SENAES têm sua origem na história de mobilização e articulação do movimento da economia solidária existentes do país desde 1980, mas se constituiu a partir do espaço de discussão e articulação nacional, que começou a ser formada durante as atividades do primeiro Fórum Social Mundial, realizado em 2001, na cidade brasileira de Porto Alegre⁷.

De acordo com Moraes (2013), a economia solidária tem ganhado crescente visibilidade econômica, social e política nos últimos tempos. Atualmente constata-se o crescimento de iniciativas de produção e prestação de serviços sociais e pessoais, organizados com base na livre associação e nos princípios de cooperação e autogestão⁸.

A economia solidária sustenta um grupo de conceitos do qual garantem certa identidade, mesmo com portando múltiplas e variadas experiências, distinções, em relação ao modelo econômico clássico, são evidenciadas por SINGER E SOUZA (2000, p 13):

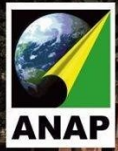
- Posse coletiva dos meios de produção pelas pessoas que os usam para produzir;
- Gestão democrática da empresa ou por participação direta ou por representação dependendo do número de cooperados.
- Repartição da receita líquida entre os cooperados, conforme decisão em assembleia.
- Destinação do excedente anual (sobras) segundo critérios acertados entre todos.
- A cota básica do capital de cada cooperado não é remunerada.

⁵ **ECONOMIA SOLIDÁRIA ESPERA FORTALECIMENTO POR MEIO DE POLÍTICAS PÚBLICAS.** Disponível em: <<http://www.redebrasilatual.com.br/trabalho/2014/12/economia-solidaria-espera-fortalecimento-por-meio-de-politicas-publicas-9222.html>> Acesso em: 25 mai/2016.

⁶ **ECONOMIA SOLIDÁRIA ESPERA FORTALECIMENTO POR MEIO DE POLÍTICAS PÚBLICAS.** Disponível em: <<http://www.redebrasilatual.com.br/trabalho/2014/12/economia-solidaria-espera-fortalecimento-por-meio-de-politicas-publicas-9222.html>> Acesso em: 25 mai/2016.

⁷ MORAIS, L. P. **Economia Social e Solidária e Cooperação Sul-Sul e Triangular na América Latina e Caribe: Contribuições para o Desenvolvimento Inclusivo e Sustentável.** Campinas: UNICAMP, 2013.

⁸ MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO – M.T.E. **ECONOMIA SOLIDÁRIA. A economia solidária. O que é a economia solidária?** Disponível em: <<http://portal.mte.gov.br/ecosolidaria>> Acesso em: 25 mai/2016.



- ☐ Somas adicionais emprestadas a cooperativa proporcionam a menor taxa de juros do mercado.

Hoje, o Brasil conta com mais de 30 mil empresas solidárias, em múltiplos campos da economia com evidência para a agricultura familiar. Eles fornecem subsídios para mais de 2 milhões de pessoas e mobilizam anualmente cerca de 12 bilhões de reais

1.2 Cooperativismo

Segundo Nascimento (2004), a autogestão é mais um ideal de democracia econômica e na gestão coletiva que caracterizam um novo modelo de produção. Contudo se caracteriza como possibilidades concretas dos trabalhadores constituindo suas ilusões de uma sociedade democrática e socialista. Nesta perspectiva, a autogestão e socialismo andam sempre juntas no processo de liberar operários. Economia solidária e autogestão são termos que caminham juntos, mas não são sinônimos⁹.

A partir da segunda metade da década de 70, com o aumento do desemprego tornou a ser um problema na história dos trabalhadores. Nas décadas seguintes, ocorreu a desindustrialização dos países centrais e ainda nações semi industrializados como o Brasil, suprimindo múltiplos postos de trabalho formal. Ter emprego passou a ser privilégio de uma minoria. Os sindicatos perderam a capacidade de lutar pelos direitos dos trabalhadores. Nesse contexto, a economia solidária foi reinventada, sendo que atribuiu um grande valor a democracia, igualdade dentro dos empreendimentos, insistência na autogestão e repúdio ao assalariamento.⁹ De acordo com Nascimento (2004),

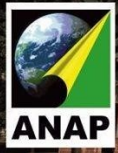
[...] para construir uma economia solidária depende da própria população, de sua disposição de aprender e experimentar, de sua adesão aos princípios da solidariedade, da igualdade e da democracia, e de sua disposição de seguir esses princípios da vida cotidiana.

Para Pitaguari (2010), o primeiro desafio é o baixo nível de qualificação profissional dos trabalhadores solidários e a inadequação das tecnologias tradicionais para a produção em escala.

1.3 Sustentabilidade

O termo sustentabilidade é formada pelo tripé: social, econômico e ambiental, ou seja, para ser um empreendimento sustentável precisa ser ecologicamente correto, economicamente viável, socialmente justo e culturalmente diverso. De acordo com Santos (2010), é um termo usado para definir atos e práticas humanas que apontam prover as precisões momentâneas do indivíduo, sem comprometer o futuro das próximas proles, isto é, a sustentabilidade está diretamente ligada ao desenvolvimento econômico e material sem atacar o meio ambiente, aproveitando os recursos naturais de forma inteligente para que eles mantenham no

⁹ NASCIMENTO, C. A autogestão e o "Novo Cooperativismo". MTE – Secretaria Nacional de Economia Solidária. Brasília, 2004.



futuro. Segundo esses parâmetros a humanidade pode garantir o desenvolvimento sustentável¹⁰. Para Santos (2010), entre as ações relacionadas;

[...] a sustentabilidade está a criação de atitudes pessoais e empresariais voltadas para a reciclagem de resíduos sólidos. Esta ação, além de gerar renda e diminuir a quantidade de lixo no solo, possibilita a diminuição da retirada de recursos minerais do meio ambiente.”

1.4 Resíduos Sólidos Recicláveis

Resíduos sólidos são todos os materiais que resultam das atividades humanas e que muitas vezes podem ser aproveitados tanto para reciclagem como para sua reutilização. Os materiais que participam amplamente da produção de embalagens, que é o principal indicador na participação dos materiais nos resíduos sólidos, são o aço, alumínio, papel/papelão, plástico e vidro¹¹.

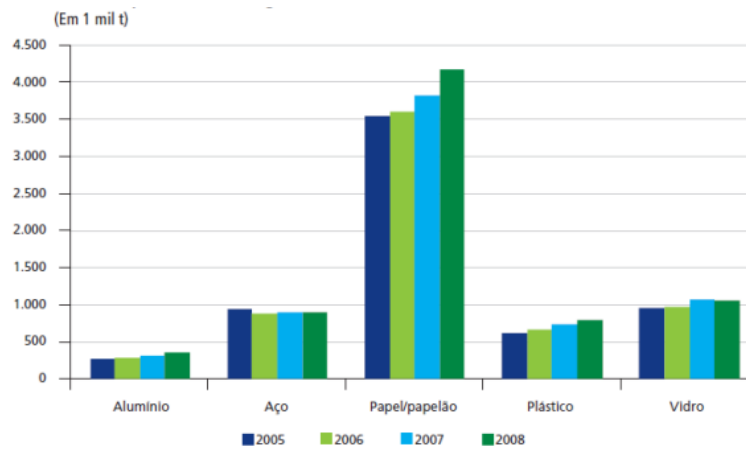
Segundo dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), apresentados no gráfico abaixo (gráfico 1), 30% do alumínio consumido vai para a fabricação de embalagens, sendo que 55% destes correspondem as latas de alumínio. O consumo do aço no Brasil vem crescendo de forma significativa, porém corresponde apenas a 4% no setor de embalagens. Apesar da pequena participação do setor de embalagens, correspondem a mais da metade recipientes de alumínio, isso se deve a sua maior densidade e maior gama de produtos, que ainda utilizam latas de aço, porém, este vem sendo substituído por materiais como alumínio e plástico.

Ainda segundo o IPEA, o papel/papelão apresentam amplo valor no setor de embalagens, visto que 50% do seu consumo é voltado para este. O papel/papelão se diferencia dos outros resíduos pelo fato de grande parte dos seus produtos ter um ciclo de vida curto. Os resíduos de embalagens plásticas apresentam a mesma ordem de grandeza do aço, porém considerando sua baixa densidade, podemos concluir que o volume de resíduos de embalagens plásticas seja bastante superior ao das embalagens de aço. Cerca de 40% do consumo de vidro está voltado para as embalagens, porém sua participação na reciclagem possui particularidades devido a suas dificuldades técnicas e a possibilidade de sua reutilização.

Gráfico 1: Consumo de Embalagens

¹⁰ SANTOS, L. M. L., BORINELLI, B. *Economia Solidária: propostas e perspectivas. In: Economia Solidária em Londrina: aspectos conceituais e a experiência institucional.* Londrina: UEL, 2010.

¹¹ **DIAGNÓSTICO DOS RESÍDUOS SÓLIDOS URBANOS.** Disponível em: <www.ipea.gov.br> Acesso em: 25 mai/2016.



Fonte: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA)

Os resíduos sólidos urbanos (RSU), correspondem aos resíduos domiciliares e de limpeza urbana. Compreende uma multiplicidade de pontos integrados, tais como a ação da logística reversa, da coleta seletiva, da ação dos catadores de materiais reutilizáveis e recicláveis, da compostagem, da recuperação energética, dentre outras.

1.5 Coleta

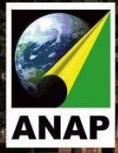
Sobre coleta satisfatória dos resíduos sólidos, de acordo com o Conselho Nacional do Meio Ambiente (CONAMA), esta tem sido o principal foco da gestão de resíduos sólidos nos últimos anos. A percentagem de cobertura vem acendendo consecutivamente, já obtendo em 2009 quase 90% do total de domicílios, nas áreas urbanas a coleta supera o índice de 98%, todavia, as coletas em domicílios localizados em áreas rurais ainda não atingem 33%, conforme apresentado no gráfico 2¹².

Segundo o CONAMA, com relação a coleta seletiva de materiais recicláveis, nos períodos de 2000 e 2008 teve um acréscimo de 120% apontando municípios que expandem essas atividades, que chegaram a 994 (tabela 1), estando a maioria localizados na região sul e sudeste. Esse termo ainda extraordinário, ainda não transpõe 18% dos municípios brasileiros.

Tabela 1: Estimativa de quantidade de material

Unidade de análise	Municípios que realizam coleta seletiva	População urbana	Papel	Plástico	Metais	Vidro
		Número de habitantes	1 mil t/ano	1 mil t/ano	1 mil t/ano	1 mil t/ano
Brasil	994	77.708.739	285,7	170,3	72,3	50,9

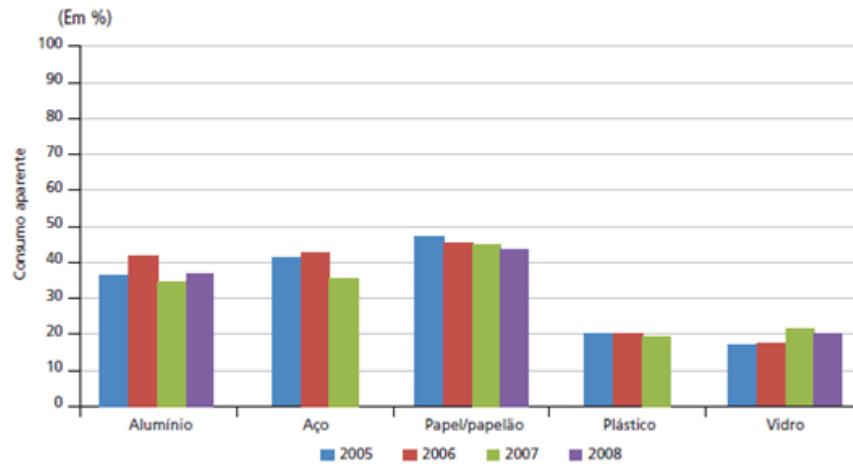
¹² CONAMA - Conselho Nacional do Meio Ambiente. Resolução nº 275/2001. Estabelece código de cores para diferentes tipos de resíduos na coleta seletiva. Brasília, 2011. Disponível em: <<http://www.mma.gov.br/port/conama/res/res01/res27501.html>> Acesso em 01 jun/2016.



Municípios pequenos	862	14.951.052	71,6	43,6	22,2	13,8
Municípios médios	120	31.308.914	166,6	92,4	36,9	23,7
Municípios grandes	12	31.448.773	47,6	34,3	13,2	13,3

Fonte: Ministério das cidades (2010) e IBGE (2010).

Gráfico 2: Taxas de Reciclagem



Fonte: Abal (2011), Datasus e Brasil (2010).

Os acessos aos bens industrializados, vem aumentando conseqüentemente, também faz crescer a aparência de resíduos não orgânicos, no campesinato. Nestas circunstâncias, se faz necessário que os governantes aumentem táticas de coleta e tratamento, ainda que com uma assiduidade menor àquela realizadas em perímetros urbanos, para acolher as residências limitados em áreas campestres.

Uma das essenciais estratégias para diminuição da quantidade de resíduos jogados nos aterros sanitários é a ideia do sistema de coleta seletiva. Grande parcela da coleta de materiais recicláveis é cometida por coletores de modo informal e estes são contabilizados nas estatísticas oficiais. Esta prática vem sendo adotada por quase todas as capitais e mais que o dobro dos municípios de médio porte, além das diferentes modalidades de coleta, é fundamental para o planejamento de políticas de estímulo à coleta seletiva, saber o custo de tais programas¹².

No Brasil, as lixeiras para dispor materiais recicláveis adotam o subseqüente padrão (figura 1):

Figura 1: tipos de reciclagem



Fonte: Próprio autor

¹² CONAMA - Conselho Nacional do Meio Ambiente. Resolução n° 275/2001. Estabelece código de cores para diferentes tipos de resíduos na coleta seletiva. Brasília, 2011. Disponível em: <<http://www.mma.gov.br/port/conama/res/res01/res27501.html>> Acesso em 01 jun/2016.

Existem pessoas que sobrevivem do comércio de sucatas, papéis, alumínio e outros materiais recicláveis largados no lixo. Sucateiros e catadores ainda operam na colheita ou na disposição de materiais para a reciclagem. Logo, para a maioria desses indivíduos que oprimem na reutilização (em especial os que têm menos educação formal), é uma das únicas alternativas de ganhar o seu sustento.

1.6 Reciclagem

A reciclagem (figura 2) é um processo de transformação aplicado a utensílios que podem retornar ao estado primário, recompondo-se em produtos idênticos em todas as suas complexidades, constituindo um conceito diferente do de reutilização. Os insumos para se tornarem reciclados, são conduzidos para um núcleo de reciclagem ou recolhidos porta a porta e depois separados, asseados e reprocessados em novos utensílios para fabricação industrial. A simbologia da reciclagem está figurada abaixo:

Figura 2: Reciclagem



Fonte: <http://www.reciclagemnobrasil.com/simbolo-da-reciclagem/>

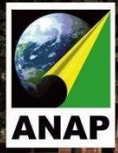
O reaproveitamento incide no aproveitamento de certo utensílio já favorecido em outro, com atributos diferentes. Para explanar este princípio, podem-se exemplificar a transformação do papel e do vidro, onde após reprocessados jamais retornam as propriedades que, possuíam anteriormente.

Dessa forma, terão outra cor, textura, composição, densidade, sem a probabilidade de regressar o utensílio reutilizado ao seu estado original.

Para os múltiplos materiais, têm algumas diferenças conceptuais em meio a reciclagem e ao reaproveitamento.

Em alguns casos, o reprocessamento deve ser limitado, pois ocorre a deterioração dos atributos do material. Como exemplo o papel, onde as fibras de celulose se encurtam a cada novo procedimento.

Na natureza, tanto a reciclagem, como a reutilização podem reduzir o amontoamento de resíduos, colaborando na fabricação de novos materiais, como por



exemplo, o papel, que demandaria o corte de menos árvores, reduzindo a emissões de vapores como metano e gás carbônico, consecutivamente menos abatimento de energia, acometimentos ao solo, ar e água, entre outros tantos fatores negativos.

No aspecto econômico a reciclagem colabora para o costume coerente dos recursos naturais e a reposição de soluções que são passíveis de reaproveitamento. No âmbito social, a reciclagem não só adéqua melhor qualidade de vida para aos seres, através da preservação das condições ambientais, como também tem providenciado trabalho e lucro para pessoas que vivem nas camadas mais pobres.

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral

- Analisar a economia solidária e sua relação com a coleta de resíduos recicláveis.

2.2 Objetivos Específicos

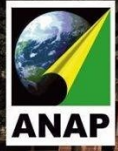
- Compreender a economia solidária.
- Identificar quais são os resíduos sólidos recicláveis.
- Verificar como é feita a coleta dos resíduos sólidos recicláveis.
- Entender a relação entre a economia solidária e a coleta de resíduos recicláveis.

METODOLOGIA

A metodologia utilizada foi de estudo prospectivo, de revisão literária, que utilizou para obtenção de informações pesquisa na rede pública de internet, leitura, análise e interpretação de livros, periódicos e documentos sobre o tema. De acordo com Ruiz (1996, p.58), “a pesquisa bibliográfica consiste no exame do manancial teórico, para levantamento e análise do que já se produziu sobre determinado assunto que se tem como tema de pesquisa científica”. Para Lakatos e Marconi (2002) referem-se às revisões bibliográficas como: “a citação das principais conclusões a que outros chegaram a permitir salientar a contribuição da pesquisa realizada, demonstrar contradições ou reafirmar comportamentos e atitudes”.

RESULTADOS

A relação estabelecida entre a economia solidaria com a coleta de resíduos se concretiza através de cooperativas de trabalho de coleta seletiva, que são estratégias adotadas para a redução de resíduos em aterro sanitários. São formadas por carroceiros, catadores de papel e



sucateiros. Embora em sua grande maioria seja composta por trabalho informal, este contabiliza em dados estatísticos. A principal característica da economia solidária é a democracia, através de sua autogestão nas cooperativas, sobre esta ótica percebe-se o aumento de sua visibilidade econômica nos últimos tempos. A fonte indicadora dessa participação, ocorre através dos materiais recicláveis como o aço, alumínio, papel/papelão, plástico e vidro. Esses resíduos são recolhidos para um centro de coleta, classificados, limpos e reprocessados e dispostos para venda a indústrias. Dessa forma a economia solidária atrelada a coleta de resíduos sólidos contribuem significativamente na criação de postos de trabalho, melhora na qualidade de vida e na preservação do meio ambiente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na trajetória do presente estudo, buscamos compreender a relação da economia solidária com as cooperativas de reciclagem de resíduos sólidos. Para isso, desenvolvemos um estudo introdutório sobre a economia solidária, que surgiu como uma reação dos trabalhadores as economias praticadas, revelados entre o desemprego e o trabalho assalariado exaustivo e explorador. A economia solidária apresenta-se como um meio para garantir a subsistência e melhorar a condição de vida dos trabalhadores menos favorecidos.

Compreendemos o sentido de cooperativismo, sustentabilidade, coleta de resíduos sólidos e reciclagem, e pudemos entender que existem grandes desafios e que muito ainda precisa ser realizado, não podemos perder de vista que formas alternativas de geração de renda estão crescendo, a fim de diminuir as desigualdades sociais. Essas cooperativas além de minimizar a degradação ambiental têm como principal foco beneficiar a população menos favorecida, que muitas vezes estavam à beira da marginalidade.

Espera-se que este estudo possa contribuir no despertar de reflexões sobre temas pertinentes à economia solidária, cooperativismo e reciclagem de resíduos sólidos urbanos, que foram levantados até aqui, assim como os que foram esquecidos ou omitidos também.

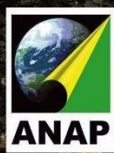
AGRADECIMENTO

Agradecemos primeiramente a Deus por nos conceder o dom da vida, a UNOESTE através do Mestrado em Meio ambiente que nos contempla com o conhecimento através de discussões multidisciplinares, e a ANAP que fornece os subsídios necessário para a divulgação deste conhecimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CONAMA - **Conselho Nacional do Meio Ambiente. Resolução nº 275/2001.** Estabelece código de cores para diferentes tipos de resíduos na coleta seletiva. Brasília, 2011. Disponível em: <<http://www.mma.gov.br/port/conama/res/res01/res27501.html>> Acesso em 01 jun/2016.

DIAGNÓSTICO DOS RESÍDUOS SÓLIDOS URBANOS. Disponível em: <www.ipea.gov.br> Acesso em: 25 mai/2016.



ECONOMIA SOLIDÁRIA ESPERA FORTALECIMENTO POR MEIO DE POLÍTICAS PÚBLICAS. Disponível em: <<http://www.redebrasilatual.com.br/trabalho/2014/12/economia-solidaria-espera-fortalecimento-por-meio-de-politicas-publicas-9222.html>> Acesso em: 25 mai/2016.

GARCEZ, L.; GARCEZ, C. **Lixo, Coleção Planeta Saudável.** Callis Editora Ltda, 2010.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica.** 3. ed. rev. e ampl. São Paulo: Atlas, 1991. 225 p.

MAZZETTO, T. S. C., RODRIGUES, M. C., MARGONATO, R., MAZZETTO, G. M. C. **A Economia Solidária na Perspectiva do Desenvolvimento Local.** In: Economia Solidária em Londrina: aspectos conceituais e a experiência institucional. Londrina: UEL, 2010.

MILANEZ, F. **Desenvolvimento Sustentável.** In: CATTANI, A. D. (org) A Outra Economia. Porto Alegre: Veraz, 2003.

MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO – M.T.E. ECONOMIA SOLIDÁRIA. **A economia solidária. O que é a economia solidária?** Disponível em: <<http://portal.mte.gov.br/ecosolidaria>> Acesso em: 25 mai/2016.

MORAIS, L. P. **Economia Social e Solidária e Cooperação Sul-Sul e Triangular na América Latina e Caribe: Contribuições para o Desenvolvimento Inclusivo e Sustentável.** Campinas: UNICAMP, 2013.

NASCIMENTO, C. **A autogestão e o “Novo Cooperativismo”.** MTE – Secretaria Nacional de Economia Solidária. Brasília, 2004.

NISHIMURA, S. R., RIZZOTTI, M. L. A. **Grupos de Geração de Trabalho e Renda na Construção da Economia Solidária em Londrina.** In: Economia Solidária em Londrina: aspectos conceituais e a experiência institucional. Londrina: UEL, 2010.

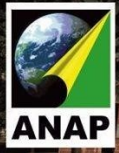
PIERRE-LEROY, J. et al. **Tudo ao mesmo tempo agora. Desenvolvimento, sustentabilidade, democracia: o que isso tem a ver como você?** Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

PITAGUARI, S. O., CÂMARA, M. R. G. **As Motivações e Desafios para a Consolidação da Economia Solidária.** In: Economia Solidária em Londrina: aspectos conceituais e a experiência institucional. Londrina: UEL, 2010.

RUIZ, João Álvaro. **Metodologia Científica: guia para eficiência nos estudos.** 5ª edição, Ed. Atlas, 2002.

SANTOS, L. M. L., BORINELLI, B. **Economia Solidária: propostas e perspectivas.** In: Economia Solidária em Londrina: aspectos conceituais e a experiência institucional. Londrina: UEL, 2010.

SINGER, Paul. **Uma outra economia é possível: Paul Singer e a Economia Solidária / André Ricardo de Souza, Gabriela Cavalcanti Cunha, Regina Yoneko Dakuzaku (orgs).** São Paulo. Contexto, 2003.



Periódico Técnico e Científico

Cidades Verdes

v. 04, n. 09, 2016